

CONCEPÇÃO TRADICIONAL E CONCEPÇÃO CRÍTICA DA EDUCAÇÃO: BASES HISTÓRICAS

Sheila Cristina Furtado Sales¹

Thaís Furtado Ferreira²

Resumo: Repensar a educação para que o conhecimento possa ser utilizado como um meio de transformação social e de inserção do indivíduo na sociedade, seja por reconhecer o seu papel seja por modificar a realidade através do conhecimento adquirido é imprescindível para que mudanças sociais ocorram. Mas isso só é possível a partir do momento em que a escola é vista como fonte de conteúdos capazes de interagir com a vivência do educando e não apenas reproduzir verdades perpetuadas pela classe dominante. Afim de entender melhor como a relação entre conhecimento, educação formal e mudança social se moldam, faz-se necessário identificar a forma de construção das atuais bases da educação e a maneira como a escola trabalha o conteúdo. Dessa forma, esse trabalho busca identificar as origens históricas da pedagogia tradicional e da pedagogia crítico-social dos conteúdos e sua influência no modo de pensar a relação professor-aluno na sala de aula, trazendo pontos de reflexão sobre uma possível reestruturação social.

Palavras-chave: Pedagogia tradicional. Concepções de Educação. Pedagogia crítico-social.

Introdução

Os novos caminhos da educação no Brasil muitas vezes são pensados apenas do ponto de vista da inovação metodológica; todavia, é necessário analisar a efetividade de tal pensamento ao desconsiderar a necessidade de mudança do modelo estrutural vigente na educação na sociedade brasileira. Ou seja, a causa do problema da educação alienada e privilegiadora está no modelo capitalista, dividido em classes, desigual e que relaciona a educação com todo o contexto social e não apenas na metodologia

É imprescindível repensar a educação como um instrumento capaz de contribuir para uma nova ordem social, garantindo o acesso das camadas trabalhadoras à escola, exigindo que exista a igualdade material entre os cidadãos e não meramente a igualdade formal (aquela pautada nas leis), ou seja, trata-se da igualdade de acesso ao saber e na distribuição dos conhecimentos disponíveis.

Para isso, faz-se necessária uma breve análise histórica do que influencia o modelo educacional vigente no qual persiste essa postura tradicional que reproduz os valores da classe

¹ Licenciada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação, Professora de Didática do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização Inicial, Leitura e Escrita, e-mail: scfsales@gmail.com.

² Economista pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Especialista em Direito Processual Penal pela Universidade Cândido Mendes, e-mail: thaisfurtado@ymail.com.

dominante, através de uma concepção construída a partir dos filósofos gregos Platão e Aristóteles, cuja visão dualista de mundo, do homem e da sociedade mais tarde desencadearia a concepção humanista da filosofia da educação ou pedagogia da essência.

Todavia, como a escola é determinada socialmente, sofrendo a influência do modo de produção capitalista, dividida em classes com interesses opostos, o pensamento da classe dominante é reproduzido em todo discurso educacional, fazendo com que o papel da teoria crítica seja reformular as relações educacionais considerando os interesses dos dominados, dando substâncias concretas para essa luta, evitando que a própria pauta de mudanças seja apropriada e articulada pelos interesses dominantes.

Dessa forma, a educação pode ser analisada a partir das suas bases filosóficas, tentando identificar quais pensadores (ou pensamentos) mais influenciaram os rumos da educação. Nessa perspectiva, é possível tratar a educação através de duas correntes principais: a tendência Pedagógica Liberal, que se divide em Tradicional, Progressivista, Humanista e Tecnicista e a tendência Pedagógica Progressista, que se divide em Libertadora, Libertária, e Crítico-social dos conteúdos.

Nesse estudo, o foco é analisar aspectos da formação histórica da concepção tradicional, da essência, extremamente influenciada pelo pensamento idealista de Platão e, posteriormente, pela Igreja Católica, visando disciplinar a mente e formar hábitos, e da concepção crítica, pedagogia da existência, marcada por correntes como histórico-crítica e crítico-social, que buscam repensar a estrutura social, levando em consideração a vivência dos alunos, tratando suas principais ideias e a maneira como elas se relacionam com a estrutura social, mas sem deixar de lado o fato de que ambas se preocupam demasiadamente com o conteúdo transmitido no processo educativo, para, ao final, analisar como se dá a relação do conteúdo com a transformação social ou a manutenção da ordem vigente.

Concepção tradicional e concepção crítica da Educação: bases históricas

A história da pedagogia é classificada em duas tendências, conforme Suchodolsky (1978): a primeira é a pedagogia da essência, fruto de uma visão idealista que enfatiza o homem ideal, concentrada no educador, no intelecto; e a segunda é a pedagogia da existência, que centra-se na individualidade concreta, histórica, inserindo o homem na vida social.

No campo tradicional, a filosofia grega, através de Aristóteles e Platão, trouxe uma visão dualista de mundo. Especificamente no caso de Platão esse dualismo ocorre entre o mundo ideal, aquele das ideias no qual o homem está para além do presente, e o mundo real

propriamente dito, que seria o aqui e o agora. Essa ideia influencia a educação conforme Guidini e Martins (2009, p. 3-4)

Relacionando-se tais idéias [*sic*] à educação, resta impor medidas de cunho pedagógico capazes de desenvolver nesse homem tudo o que possa implicar a sua participação nessa mesma realidade ideal. Tal modelo educativo conduz o homem à descoberta da pátria verdadeira e ideal, espaço em que se situa o mais puro conhecimento que temos sobre as coisas, o qual repousa sobre as idéias [*sic*]. Pela via da reminiscência, tendo a maiêutica como caminho, o espírito humano recorda a sua pátria verdadeira da qual emana uma luz qualitativamente nova, que nos mostra a verdade em contraposição ao mundo das sombras onde vivemos.

A Igreja Católica segue o dualismo platônico, mas agora justificando o mundo ideal com a presença de Deus sendo entendido como fim último para onde tudo se move e tendo um papel relevante na elaboração de vida e de mundo. Nessa perspectiva, Santo Agostinho (354-430 d.C), filósofo e escritor, fez a síntese entre a filosofia grega e o pensamento cristão, defendendo que a sociedade dos homens, política, caminha lado a lado com a fé cristã (FRAZÃO, 2019). Em consonância, Tomás de Aquino também defende que o mundo criado reflete a ordem das essências imutáveis pensado por Deus, com o conceito histórico de que tudo já se encontrava pronto e determinado por Deus, fazendo com que o conhecimento científico e experimental fosse pouco demandado.

Nessa perspectiva, trabalha-se com a ideia de uma concepção estática da educação, na qual a vida em sociedade já está pré-determinada e o principal objetivo é manter a ordem estabelecida e, através de princípios pedagógicos rígidos, colocar o educando em contato com modelos já eleitos como bons e suficientes.

Todavia, é inegável que o conhecimento começa a se desenvolver com o surgimento das universidades na própria Idade Média e é preciso justificar tal evolução. Dessa forma, as bases da pedagogia tradicional estão

Em um contexto que se faz necessário justificar o avanço do conhecimento humano, da educação e do lugar desse mesmo homem no mundo, Tomás de Aquino separa a materialidade presente nas coisas e seres de suas formas. No homem, a forma é atribuída à atividade pensante, que molda as diferentes matérias que compõem a realidade. Nessas mesmas matérias, encontra-se o próprio homem. Cabe à educação atuar da mesma maneira para todos, sabendo que existe, para cada homem, uma forma. (GUIDINI e MARTINS, 2009 p.4)

Mesmo com essa necessidade, o compromisso da escola tradicional é com o conteúdo, os problemas sociais pertencem à sociedade e os conteúdos são separados da experiência do aluno e da realidade social, sempre com foco na repetição de fórmulas e na memorização.

Através de uma aprendizagem mecanizada, o modelo tradicional da educação se consolida com o professor que reproduz o conteúdo, repetindo exercícios, com avaliações

baseadas em notas, com um reforço punitivo em caso de não atender às expectativas, mostrando-se ainda bastante atuante nas escolas brasileiras.

Todavia, para acompanhar uma visão mais voltada para o debate social, surge a concepção crítica de educação com suas bases relacionadas ao materialismo histórico enunciado por Karl Marx a partir da afirmação de que é o modo de produção da vida material que condiciona o processo de vida social, política e intelectual e conseqüentemente sua natureza social determina a sua consciência. As relações materiais de vida do homem formam a base das suas demais relações sociais.

Assim, a visão idealista, de que tudo estava pré-determinado é contestada no momento em que Marx afirma ser a luta pela sobrevivência, isto é o trabalho humano com duas contradições que gera o modo de pensar e a forma de organização social e política. E esta relação não se dá de forma mecânica, mas de uma relação dialética entre a história do homem e do mundo.

Marx insiste na diferença entre homem e história, já que, dentro de sua concepção, o homem é o sujeito da história. Assim, o método proposto por ele é historicista-revolucionário, já que se situa do ponto de vista do proletariado. Conforme Trigo e Souza (2009, p. 6941)

Marx entende a história pela perspectiva da produção material de bens. A análise empreendida por Marx se volta para a produção material dos bens e dos elementos que lhes envolvem ou correspondem. A análise marxista se volta para os modos de produção, a realização do trabalho e as relações econômicas que o envolvem, resgatando tais relações em perspectiva histórica.

Corroborando essa ideia, Manacorda (2007, p.118) diz que

[...] a diferença substancial entre a pedagogia de Marx e qualquer outra pedagogia, e, por outro lado, entre todo o seu método de pesquisa antiideológico [*sic*] e qualquer outra teoria, consiste no fato de que, frente a um processo real, não se propondo considerá-lo natural e eterno, à maneira dos economistas clássicos, não contrapõe as suas teorizações nem para retornar a uma solução ideal de equilíbrio anterior, nem para aperfeiçoá-lo eliminando os seus aspectos negativos ou contraditórios, mas, ao contrário, assume toda a realidade contraditória e até vê, no desenvolvimento das contradições, no emergir do dado negativo, antagônico, a única via histórica de solução. Pode, assim, inserir a consideração desses problemas no quadro mais amplo da divisão, ou melhor, da alienação do homem e da *Zuruecknahme* ou eliminação dessa alienação,

Considerando que a atual realidade social deve ser modificada, a educação escolar deverá empenhar-se na preparação dos indivíduos para participarem da transformação social, provendo de um conhecimento com base nas habilidades cognitivas e operativas necessárias à participação na vida social.

Dessa forma, a escola deverá difundir conteúdos vivos, concretos e indissociáveis da realidade social, instrumentalizando o indivíduo para que possa rever sua participação na estrutura social e romper com o que já veio determinado de tal estrutura.

Lima (2019, p. 177), sintetiza da seguinte forma:

[A pedagogia da existência] está no lastro de toda a crítica que se apresente ao humanismo e suas vertentes, ao firmar a oposição a qualquer ideal totalizante, considerando que a ideia de bem e de verdade representa barreiras que são erguidas como formas de poder e de controle. As pedagogias de cunho essencialista compreendem que a educação tem a função de realizar o que o homem deve ser em uma realidade ideal, desprovida de toda impureza que o mundo imediato possa colocar sobre este mundo projetado, assentado na idéia [sic] de dever ser e de verdadeiro ser. O platonismo e o cristianismo marcaram a raiz desta linha filosófica que depois foi ampliada e reforçada por correntes igualmente substantivas, como o marxismo, por exemplo.

Assim, a abordagem da concepção crítica de educação é mostrada na pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, que atribui à escola o papel social e político da socialização do saber, já que o domínio dos instrumentos culturais e científicos consubstanciados no saber elaborado auxilia no conhecimento e compreensão das realidades sociais, favorecendo a atuação dos indivíduos na sua vida e na luta pela transformação.

Segundo Saviani (1991), a Pedagogia histórico-crítica se situa no quadro das concepções progressistas, por entender que a educação não é simplesmente um processo que ajuda os indivíduos a questionarem as condições presentes de sua vida cotidiana, geradas pelo modo de organização da prática em nossa sociedade, mas também analisar sobre a questão do conteúdo tão presentes dentro das suas concepções.

Nessa perspectiva, é possível retomar o pensamento marxista, como traz Marx *apud* Kreutz (1988, p. 16), ao afirmar que

[...] na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações, necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um nível determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais [...]. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e jurídica. Não é a consciência dos homens que determina a sua natureza, mas, pelo contrário, é a sua natureza social que determina a sua consciência.

São as relações de produção que determinam todas as outras relações existentes entre os homens na sua vida social, ou seja, suas relações materiais formam a base de todas as suas relações. Portanto, Marx e Engels argumentam que as causas profundas das transformações e das revoluções políticas, não devem ser procuradas nem na cabeça dos homens, nem na ideia que façam da verdade eterna ou da justiça, devem ser procuradas nas transformações operadas no modo de produção e de troca.

Quando nasce nos homens a consciência de que as instituições sociais vigentes são irracionais e injustas, de que a razão se converte em insensatez e a bênção em praga; isso não é mais do que um indício de que nos métodos de produção e nas formas de distribuição se produziram, silenciosamente, transformações com as quais já não concorda a ordem social, talhada segundo o padrão de condições econômicas anteriores. (ENGELS, 1980, p. 54)

Com isso, a partir de Marx e Engels não é mais possível que exista um dualismo entre a força motriz da história e o idealismo, pois já não é mais o espírito humano, representante do mundo ideal, perfeito e estruturado que apenas se move no mundo físico para fazer-lhe ideal, pelo contrário, as condições concretas de existência é que determinam a consciência e as relações, é a luta pela sobrevivência através do trabalho humano, com suas contradições que gera o modo de pensar e a forma de organização social e política, sempre em uma perspectiva dialética, não linear de desenvolvimento.

Segundo Kreutz (1988, p. 19), Marx e Engels se inspiram na dialética hegeliana ao empreenderem o estudo do movimento e causas históricas, pois “... a dialética olha a natureza não como uma acumulação acidental de objetos, de fenômenos destacados, isolados e independentes uns dos outros, mas como um todo unido coerente, onde os objetos, os fenômenos são ligados organizadamente, entre si, dependem uns dos outros e se condicionam, reciprocamente.” Isto é, os princípios metodológicos anunciados, refletem em uma nova concepção de homem, de mundo, de sociedade, de conhecimento e de escola.

Se por um lado na concepção tradicional, cada homem tem sua função e lugar pré-definidos, pois tudo já se encontra decidido e providenciado, na concepção dialética há possibilidade de amplas perspectivas para uma visão dinâmico-criadora de homem e de história.

Na concepção crítica, os homens deverão ser compreendidos dentro de um processo histórico, dinâmico e dialético, já que a história humana se distingue da história natural:

Se Marx insiste tanto na diferença entre Natureza e História é porque para ele, os homens são o ‘sujeito’ da história. E seu método é revolucionário, precisamente, por ser humanista-historicista; as relações de produção capitalistas não são totalmente independentes dos homens, eternas, imutáveis, como as leis da natureza, são produzidas pelos homens e podem ser trocadas pelos homens, numa revolução. Enfim, o método de Marx é historicista-revolucionário porque se situa do ponto de vista do proletariado, o único ponto de vista, social que permite apreender esse caráter transitório do capitalismo ultrapassando o horizonte das perspectivas burguesas.

Dizer que os homens fazem a história não significa [...] segundo a sua livre vontade: os homens fazem sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, em condições [...] dadas e herdadas do passado. A concepção marxista da história que se opõe ao mesmo tempo ao materialismo mecanicista e ao idealismo voluntarista é o da relação dialética entre sujeito e objeto, entre o homem e as circunstâncias, a atividade humana e as condições dadas (LOEWY, 1978, p. 76).

A sociedade dentro de uma concepção crítica não é dada como pronta, acabada e definida por Deus, mas sim como uma construção dialética e histórica das relações humanas; ou seja, o próprio homem, em busca da transformação da natureza para a sobrevivência, cria dialeticamente as condições sociais, políticas, econômicas e culturais do seu próprio momento histórico. Porém, não de acordo com a sua vontade, mas margeado pelas circunstancialidades espaço-temporais.

Nessa perspectiva, e considerando que a educação é um processo social e, como tal, integra as práticas sociais que compõem a dinâmica do funcionamento da sociedade, é necessários antes de perguntar “qual educação”, questionar “qual sociedade” se tem. Dessa forma, é possível pensar que o atual modelo educacional reproduz a dinâmica capitalista e das classes dominantes, reproduzindo, também, as condições de produção, apenas adaptando o indivíduo à realidade já existente.

Se o indivíduo passar a ser visto como protagonista da história, com a necessidade de modificação da atual realidade e, em especial, da forma de organização do trabalho a permitir maior desenvolvimento humano, então a educação escolar também deve passar a empenhar-se na preparação do indivíduo para participarem na transformação social.

Ou seja, “a educação escolar tem um papel insubstituível no provimento de conhecimentos de base e habilidades cognitivas e operativas necessárias à participação na vida social, o que significa acesso Pa cultura, ao trabalho, ao progresso, à cidadania” (SAVIANI, 1986, p. 33).

Tais conhecimentos e bases serão difundidos através do conteúdo escolar, conteúdos estes que devem ser vivos, concretos e indissociáveis das realidades sociais. A valorização da escola como instrumento de apropriação do saber é o melhor serviço que se presta aos interesses populares. A atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade.

A pedagogia crítico-social dos conteúdos, atribui à escola o papel social e político de socialização do saber sistematizado, Utilizando-se de processos pedagógico-didáticos que asseguram a interligação entre as práticas sócio-culturais dos alunos e a cultura elaborada e, assim, a unidade conhecimento-ação, de forma que o domínio de instrumentos culturais e científicos auxilie no conhecimento e compreensão das realidades sociais, favorecendo a atuação dos indivíduos no seio da prática de vida e das lutas pela transformação social.

Como decorrências para a educação, os métodos preconizados pela pedagógica crítico-social dos conteúdos deve manter continuamente presente a vinculação entre educação e sociedade, sendo que os métodos de ensino-aprendizagem serão moldados de acordo com o fim que se busca. Dessa forma, aqueles vinculados a tendência histórico-crítica, estimularão a atividade e a iniciativa dos alunos, mas sem abrir mão da iniciativa do professor, favorecendo o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada. Também deve ser levado em conta os interesses dos alunos, os diferentes ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos culturais universais.

Nesse contexto, o processo avaliativo não poderá ser uma ação mecânica, terá que ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social.

A escola deverá preparar o aluno para o mundo, com capacidade de participar ativamente da vida social, com a união entre teoria e prática, sendo que o professor é visto como um mediador, articulando aspectos políticos e pedagógicos.

Retomando a perspectiva de que a história se configura como o registro da transformação dialética do homem e da natureza, o homem ao modificar a natureza se transforma e se configura em novos modos de ser e pensar. Tem-se então uma concepção oposto àquela proposta pela visão tradicional, na qual o modelo já está lançado e cabe ao indivíduo apenas se adaptar.

Dessa forma, para o marxismo, o problema da liberação do homem das alienações, seja da sua expropriação como força de trabalho seja daquelas de ordem ideológicas, é o objetivo máximo e, portanto, pode-se dizer que o objetivo da educação. A tarefa da educação consiste, então, em livrar os homens das alienações e ilusões, mostrando-lhe as raízes econômicas e sociais das mesmas, estimulando uma ação para mudar o mundo.

A educação só tem um papel ativo, crítico e criador, quando se torna instrumento de libertação, quando sabe colocar, de modo real, a relação entre a consciência do indivíduo e a situação histórica da classe com suas tarefas, promovendo uma série de rupturas com aquilo que desloca e aliena o homem do verdadeiro caminho à humanização.

Considerações

As bases da pedagogia tradicional põem a tônica do processo pedagógico na transmissão da cultura acumulada, sendo que os conteúdos expressam verdades que estão acima da sociedade e dos indivíduos, sem espaços para questionamentos e mudança de paradigmas.

A ação educativa é sempre unidirecional, com o professor apenas interpretando os conteúdos já formulados e organizados, através de métodos consagrados, sendo que o caminho do saber é um só para todos com conteúdos de interesse da burguesia sendo transmitidos e, consequentemente, mantendo o poder e a estrutura social.

Com isso, a pedagogia tradicional serve às elites sociais, ocupando-se da transmissão do acervo cultural, sem levar em consideração as desigualdades no acesso ao conhecimento e, principalmente, as diferentes experiências e vivências de cada educando. Com a expansão da rede escolar, quanto mais a clientela se tornou heterogênea, mais essa tendência se mostrava ineficaz o tocante à equalização social.

Por outro lado, as bases da concepção crítica da educação mostram um outro caminho para resolver a questão da exclusão social, ou das disparidades sociais. Considerando uma perspectiva progressista libertadora, o processo educativo envolve a relação professor-aluno com base nas realidades sociais, buscando uma conscientização de classe para a real transformação social.

A pedagogia crítico social dos conteúdos parte do entendimento de que a atividade pedagógica escolar insere-se no conjunto das mediações que compõem a totalidade das práticas sociais, com o papel de socializar os conhecimentos sistematizados. Para tanto, pretende viabilizar processos pedagógicos didáticos que deem conta de articular o trabalho escolar com as realidades sociais. Isto é, o conhecimento parte da experiência desorganizada para o conhecimento elaborado, sem distinção entre cultura erudita e cultura popular.

Nesse caso, é preciso levar em conta que os conteúdos culturais são históricos e o seu caráter revolucionário está intimamente associado à historicidade, assim, transformar a igual formal em material (real) está também associado à transformação dos conteúdos formais, fixos, abstratos em conteúdos reais, dinâmicos e concretos.

Assim é possível concluir a função do conteúdo em cada uma das concepções de educação aqui abordadas: na perspectiva tradicional os conteúdos tem a função de transmissão do saber necessário a uma determinada classe social, para que a mesma e consolide no poder acumulado, e não devem servir de instrumento para a real transformação social, como na concepção crítica.

Na concepção tradicional o conteúdo tem a função de promover a integração dos indivíduos na ordem social vigente, enquanto isso, na visão crítica, o conteúdo assume uma

dimensão política, historicamente construídos pela dialética entre o homem e a sociedade, com a função de transformação, servindo como instrumento para a luta pela transformação social e é justamente nesse ponto que ele assume diferentes papéis nas diversas tendências da educação.

Referências

FRAZÃO, D. **Santo Agostinho**: Filósofo e teólogo romano. Disponível em [https://www.ebiografia.com/santo_agostinho/#:~:text=Santo%20Agostinho%20\(354%2D430\),dominaram%20toda%20a%20Idade%20M%C3%A9dia](https://www.ebiografia.com/santo_agostinho/#:~:text=Santo%20Agostinho%20(354%2D430),dominaram%20toda%20a%20Idade%20M%C3%A9dia). Acesso em 20 de março de 2021.

- GUIDINI, F; MARTINS, P. L. O. **Pedagogia da essência:** contexto, princípios, relações. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 2009, Puc Paraná. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/2556_1289.pdf. Acesso em 14 de abril de 2021.
- KREUTZ, L. A concepção tradicional e crítica em filosofia da educação. Viçosa, MG: UFV, Imprensa Universitária, 1988.
- LIMA, J. F. L. A Educação Entre A Pedagogia Da Essência E A Pedagogia Da Existência No Cenário Contemporâneo. Revista *Communitas* V3, N5 (Jan/Jun –2019): Diferença e alteridade na educação de surdos. Disponível em < <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/2749/pdf>>. Acesso em 25 de março de 2021.
- LOWEY, M. Método dialético e teoria política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MANACORDA, M. A. Marx e a pedagogia moderna. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.
- SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-crítica. Primeiras Aproximações. São Paulo: Cortez, 1991.
- SUCHODOLSKI, B. A pedagogia e as grandes correntes filosóficas. Lisboa: Livros Horizontes, 1978.
- TRIGO, T. A.; SOUZA, R. A. A CONCEPÇÃO MARXISTA DE HISTÓRIA: aspectos da contribuição de marx para a história da educação . IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 2009, Puc Paraná. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3190_1502.pdf. Acesso em 20 de março de 2021.